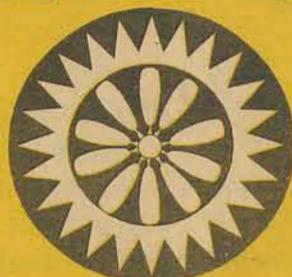


EDUCAÇÃO AFRO



NEN - NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS
JORNAL DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO:
ESCOLA, ESPAÇO DE LUTA CONTRA O RACISMO

NESTE NÚMERO

PÁG.

3

**Djumbay
Século XXI**

Curso de formação chega à metade

PÁGS.

4 e 5

**O Movimento
RAP em
Florianópolis**

PÁG.

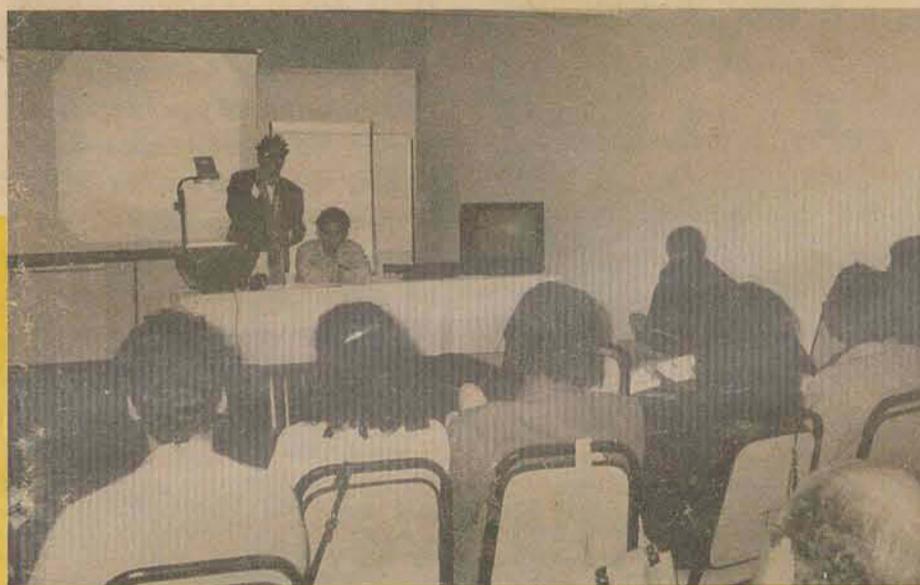
8

Capoeira

A possibilidade de intervenção nos locais de trabalho e militância ganha mais força após metade do Curso de Formação de Educadores Sociais promovido pelo Projeto de Pesquisa e Formação de Educadores, do NEN.

Nos dois últimos módulos (3 e 4) do curso, os educadores sociais afinaram um pouco mais o conhecimento sobre a elaboração de projetos de pesquisa associada à intervenção social. Juntou-se a isso também a discussão sobre parâmetros curriculares. Até maio do ano que vem, serão desenvolvidos oito módulos do curso, que começou em novembro de 1999.

Com mais essas duas etapas, diminuiu sensivelmente a angústia natural de adequar os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos participantes à intervenção em seus locais de trabalho e de militância. O público, basi-



camente constituído por professores de Santa Catarina e Rio Grande do Sul – área de abrangência do projeto – já dá andamento aos seus trabalhos de pesquisa, que serão publicados, provavelmente em maio, em um dos cadernos da série Pensamento Negro e Educação.

No módulo 4 do curso, os participantes discutiram os Fundamentos Políticos, Históricos e Filosóficos dos Parâmetros Curriculares. A idéia foi dar um panorama geral do que são os parâmetros curriculares, a partir da discussão de três temas: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB),

os próprios parâmetros curriculares e pluralidade cultural.

A discussão redundou em uma proposta, feita pelos palestrantes da quarta etapa, Vanda de Sá Barreto e Valdecir Nascimento, do CEAfro, na Bahia, de implementação do tema pluralidade cultural nas escolas públicas das regiões dos participantes. No próximo módulo, os cursistas trarão os resultados de levantamento sobre a possibilidade de essa discussão avançar em suas regiões. A idéia é desenvolver propostas de trabalho juntamente com seus projetos de pesquisa.



Territorialidade em debate

Rosane Lima



Neste número do jornal, abordamos a questão da territorialidade e os diversos espaços em que a população negra consegue, a despeito de todas as tentativas de soterramento, afirmar-se como produtora de cultura. Como esses espaços são variados, variadas são as manifestações que decorrem deles. Assim, o RAP sai do gueto em que primeiro surge e ganha as ruas, levando para todos – negros e não-negros – a mensagem da inconformidade com a discriminação racial e social.

Da mesma forma, mas com uma história bem anterior, a capoeira mostra que educação, como diz Valmir de Brito, “não se aprende só na escola” e que os espaços, a territorialidade, quando se trata das manifestações culturais do povo negro, não são passíveis de redução.

Este tema será melhor aprofundado no próximo caderno da série “Pensamento Negro em Educação”, que pretende discutir que o território é mais

que o espaço concebido geograficamente, mas inscrito como um lugar de luta política, de expressões culturais, por imposições simbólicas e valores civilizatórios diferenciados que se inscrevem na trajetória dos negros no Brasil.

Para finalizar, o Programa de Educação gostaria de expressar seus mais profundos agradecimentos à professora Jeruse Romão (que se afastou da entidade), pelo seu importante papel na construção da concepção e intervenção educacional na temática negro e educação, levada a cabo pelo NEN nestes 14 anos de existência, pelo companheirismo e cumplicidade com a luta do povo negro. Axé e Luta!

Gostaríamos também de informar que o Núcleo de Estudos Negros mudou de endereço, que é o que segue:

*Rua Felipe Schmidt, 315/902
- Ed. Aliança – Centro -
Florianópolis - SC*



Sou professora de História e orientadora de sala de leitura da escola municipal de ensino fundamental Castro Alves, no município de São Paulo. Sou também diretora do Grupo Dandara, cujo principal objetivo é difundir a cultura negra nas escolas. Em parceria com a Unisul, desenvolvemos um projeto de alfabetização de jovens e adultos carentes. Gostaria muito de receber os livros editados por vocês para divulgar entre os professores. Faço parte do Núcleo de Luta contra a Discriminação Racial no Sindicato dos Profissionais em Educação Municipal (SINPEEM) e necessitamos de subsídios para o nosso trabalho.

*Professora Vanderli Salatiel
São Paulo (SP)*

Sou professora e militante afro-descendente no Estado de Sergipe e mestrandia em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o tema Culturas Afrodescendentes e Apropriação Educacional em Sergipe. Considero fundamental que esse tipo de espaço possa instrumentalizar e potencializar nossas lutas no âmbito das práticas educacionais, sociais e acadêmicas, extinguindo o fosso que tem esvaziado esse espaço acadêmico que é essencial para nós, cada vez mais empenhados em ser sujeitos e autores da nossa problemática.

*Maria Batista Lima
Sergipe (SE)*

Vimos através deste agradecer-lhe a doação da coleção de livros O Negro e a Escola Brasileira, que vem enriquecer um pouco mais nossa biblioteca. Queremos salientar que o material foi de grande valia para nós.

*Rosemary A. B. da Rosa
Diretora Geral
Colégio Estadual Presidente
Juscelino Kubitschek
Areias – São José*



EXPEDIENTE

Educa-Ação Afro é uma publicação do Programa de Educação do Núcleo de Estudos Negros/NEN

Produção executiva

Ivan Costa Lima (Coordenador Educação); Sonia

Maria Silveira (Coordenadora Pesquisa)

Assessor de Imprensa

Amilcar Oliveira (SC 00462 JP)

Colaboradores

Correspondente em Salvador: Marcos

Rodrigues-DRT/BA –1143

Impressão: Diário Catarinense

Editoração: Quorum

Membros do NEN

Claudionor V. da Costa, Gláucia Rodrigues, Ivan Costa Lima, Jeruse Romão, João Carlos Nogueira, Lisiane Bueno da Rosa, Luís Alberto L. de Abreu, Marilú Lima de Oliveira, Maristela Pereira de Souza, Miquelina N. Celestino, Sonia Maria Silveira, Angela

M. de Souza, Maria das Graças Maria, Marcos Rodrigues da Silva.

Bolsista

Alessandra C. de Jesus

Novo Endereço

Rua Felipe Schmidt, 315/902 – Centro

Florianópolis (SC) – CEP: 88010-001

Fone/fax: (48) 224-0769 Fone: 322-0692

E-mail: nen_floripa@zipmail.com.br ou

nensc@ig.com.br

Apoio: Fundação Ford

Tiragem: 2000

Permitida a reprodução total ou parcial dos artigos, desde que citada a fonte. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores. Cartas, críticas e sugestões, remeter para o Programa de Educação/NEN, no endereço acima.

Djumbay Século XXI

A Organização Djumbay foi oficialmente fundada em agosto de 1995, oriunda do Jornal Djumbay: Informativo da Comunidade Negra, lançado em 1992, no Estado de Pernambuco.

Inicialmente, a prioridade da instituição foi a Comunicação, destacando-se as ações voltadas para a Imprensa Negra. O jornal foi amplamente utilizado no projeto educacional da instituição, como material paradidático de capacitação do corpo docente e discente da rede pública de ensino estadual e de alguns municípios de Pernambuco. Na época, também havia ações nas áreas de Educação, Direito, Auto-estima, Mobilização Social, Cultura, Pesquisa e Documentação.

Nestes sete anos de existência, a Djumbay ampliou suas ações, assu-

mindando recentemente um caráter multidisciplinar de atuação, através de um modelo de gestão caracterizado por uma infra-estrutura mínima possível, porém capaz de dar conta de todas as suas demandas. Para isso, tem um corpo de recursos humanos caracterizado pela total flexibilidade e independência administrativa, institucional e financeira, porém afinado com a missão da instituição: "Contribuir para a construção/consolidação da identidade étnico-racial negra, ampliando o exercício de cidadania e a vigência dos direitos humanos para a população".

Desde a época do lançamento do jornal Djumbay, o modelo de gestão utilizado foi o de auto-sustentação. O que nesse momento se incorporou a ele foi o Modelo Administrativo ESI, iniciais da denominação Empreendedores Sociais Independentes. Esse modelo permite uma ampla e diversificada participação de pessoas, que não necessariamente precisam ser negras (os), militantes, associadas (os) à instituição, ter vivência e/ou acúmulo sobre a causa negra. Basta querer participar através de uma

das diversas linhas de ação, até mesmo à distância. Essas pessoas podem ser integrantes de outra(s) instituições, congêneres ou não.

Para operacionalizar esse modelo administrativo, a Djumbay estabeleceu dois núcleos:

Núcleo de Identidade Étnico-racial (NIR), onde estão previstas as ações de caráter político e social. Estão em curso neste momento as áreas de Educação, Direito, Cultura, Auto-estima, Mobilização Social, Comunicação, Saúde, Gênero, Pesquisa e Documentação, cada uma com seu(s) respectivo(s) projeto(s). Este núcleo está instalado dentro das Casas da Cidadania de Olinda desde novembro de 1997, a partir de uma ação entre a Secretaria de Justiça do Estado de Pernambuco (SEJUC), Ministério da Justiça e a Djumbay.

O mesmo está previsto para ocorrer no NER, que será inaugurado no segundo semestre de 2000, na sede da Djumbay, na Casa da Cultura de Pernambuco (CCPE). O NER terá uma feição sócio-econômica, de modo a implementar, principalmente no Mercado de Pernambuco, produ-

tos e serviços com o viés da identidade étnico-racial negra. Inicialmente estão previstos projetos nas áreas de Culinária Afro; Publicações Audiovisuais e Fonográficas; Vestimenta – Adereços e Calçados; Central de Cursos Diversos (Idiomas Afro, História Afro-brasileira, Capoeira, Danças Afro, Estética Afro, Modelos e Manequins Negros, Turismo Étnico, Percussão etc.); Entretenimentos Artístico-culturais; Artesanatos e outros similares. Assim sendo, o NER funcionará como Centro Tecnológico e/ou um Banco de Fomento que irá possibilitar/provocar o atendimento de uma demanda reprimida que existe em relação à não-exploração mercadológica, de forma identificada, dos valores da Identidade Negra Brasileira.

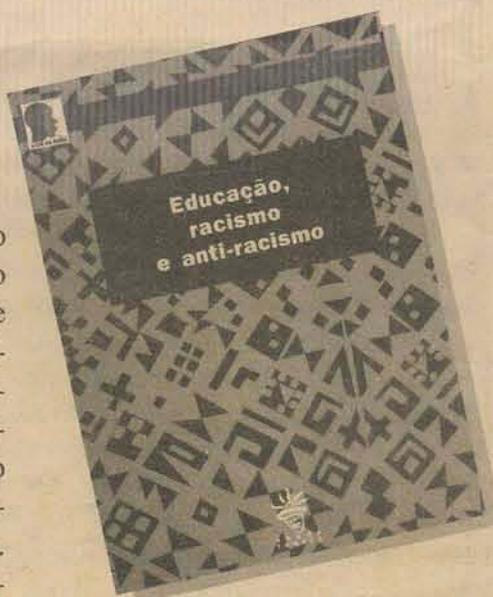
A Coordenação

Endereço: DJUMBAY – Caixa Postal 1805. Cep: 50001-970 – Salvador/BA. Fone: (81) 439-8915. E-mail: nirdjumbay@bol.com.br

LANÇAMENTOS

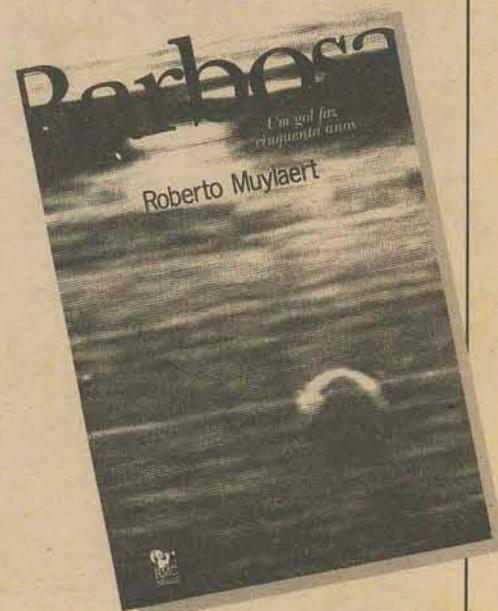
Educação, Racismo e Anti-Racismo

Este é o título do livro lançado pelo Programa de Pesquisa e Formação sobre Relações Raciais, Cultura e Identidade Negra na Bahia, da Universidade Federal local. A obra reúne sete artigos no campo da investigação do racismo e educação. São resultados finais ou parciais de pesquisas recentes sobre esses temas. Especial atenção é dada para o acesso e permanência da população negra no ensino superior.



Barbosa

A vida do grande goleiro Barbosa, da seleção nacional de futebol que perdeu a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, em pleno Maracanã, é o tema deste livro empolgante. Algumas páginas são de tirar o fôlego. Negro, famoso por suas grandes defesas, Barbosa carregou até o fim da vida a marca dos gols sofridos contra os uruguaios na derrota por 2 a 1. Barbosa morreu purgando uma derrota que não foi só sua. Aos brasileiros, resta apenas a oportunidade duvidosa do *mea culpa* tardio.



Movimento rap em Florianópolis: A Ilha da magia é só da ponte para lá!



Por Ângela Souza

RAP, sigla derivada da expressão *Rhythm and Poetry*, surge no final dos anos 70, nos Estados Unidos, junto com o movimento Hip-Hop, criado pelos DJ's* (Disk Jôqueis) e MC's** (Mestres de Cerimônia) de grandes festas black de Nova Iorque (Bronx, Brooklyn, Queens). Nessas festas, fechava-se uma rua com barreiras e um serviço de segurança, instalava-se pontos de iluminação e som em um poste, roubando a corrente elétrica do fornecimento público, e se cobrava um ingresso barato para que as pessoas viessem dançar ao som dos DJ's.

O estilo musical RAP surge a partir de uma longa tradição de negros na música norte-americana, mesclada com novidades vindas da Jamaica. Essa tradição remonta ao blues, trazido pela população negra que, através do processo de migração, deixa as fazendas do Sul em direção aos centros urbanos do Norte dos EUA. Nesse traslado, o blues se modificou, ou melhor, se *eletrificou*, ganhou instrumentos elétricos, dando origem ao *rhythm and blues*.

Essa nova forma de tocar o blues acaba encantando os jovens da classe média branca. E deste contato surge o rock.

Mesmo depois dessas modificações, o *rhythm and blues* continuou a ser tocado por músicos negros e passou por mais alterações. Uma delas foi a sua união com o *gospel*, música dos protestantes negros, dando à luz mais um filho dessa grande família. Desta vez, o rebento chamou-se *soul*, estilo musical indispensável à luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos na década de 60. Logo depois o *soul* passou por um processo em que perdeu a sua característica "revolucionária", dando lugar a uma nova manifestação musical, o *funk*, que de gíria com conotação pejorativa passou a *símbolo do orgulho negro*, mas, seguindo o mesmo caminho do *soul*, entrou num processo de comercialização.

O COMEÇO

É neste momento que começa uma nova manifestação na música negra norte-americana. Desta vez, a novidade vem da Jamaica, com o disk jôquei Kool-Herc, que transfere-se, com os *sound systems* (aparelhagem de som), de Kingstom (Jamaica), para o Bronx (EUA). Começam as primeiras festas que vão dar origem a esta nova manifestação musical. Grandmaster Flash, discípulo de Kool-Herc, cria o *scratch*, técnica que consiste em rodar o disco de vinil no sentido contrário ao da sua rotação normal, dando característica própria à música no momento em que é cantada.

Junto ao *scratch* – feitos com discos de ritmo *funk* – Flash inova com a improvisação, isto é, o microfone é entregue aos dançarinos, que improvisam acompanhando uma base rítmica, o que não era tão novo assim, pois na Jamaica o estilo já existia com o *toast*, nos anos 50.

Nesta mistura musical surge o RAP. Junto ao grafite, o break e um estilo de vestir, compõem o movimento Hip-Hop, que no início da década de 80 transborda pelas fronteiras norte-americanas, espalhando-se pelo planeta.

Nos seus primeiros tempos, o RAP é liderado pelos DJ's Kool Herc, Afrika Bambaataa e Grandmaster Flash, todos do Bronx. Seu primeiro registro musical ocorre em 1979, através da música *Rapper's Delight*, sucesso mundial do grupo *Sugarhill Gang*, criado a partir do projeto da produtora Sylvia Robinson, uma ex-cantora de *soul*.

É em 1980, quando a cena RAP apresentava ainda poucos grupos nova-iorquinos – *Treacherous Three*, *T-Sky*, *Grandmaster Flash* – que a primeira grande virada se produz, com a gravação de *How we gonna make the black nation rise*, assinado por Brother D. Esse é o primeiro RAP engajado, ao qual outros se sucedem.

Em 1982, o disco *Massage*, de *Grandmaster Flash & Furious Five*, também traz à tona questões como a violência, prisão, marginalidade. Os RAPs cômicos, anedóticos, egocêntricos e materialistas dos primeiros anos são parcialmente sucedidos pelo RAP militante que marcará os anos 80, coincidindo com a ascensão

da direita nos Estados Unidos.

A MECA DO RAP

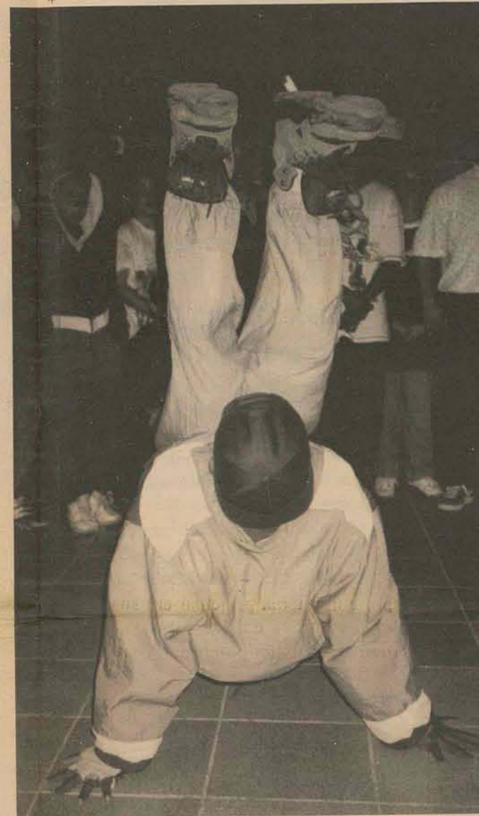
A partir de 1983, Nova Iorque torna-se a Meca do RAP. O som dos subúrbios norte-americanos se transforma em negócio lucrativo, ao mesmo tempo agravam-se as condições de vida nos guetos negros, contribuindo para a radicalização do RAP. Grupo símbolo de raiva pro-black: *Public Enemy*. O RAP torna-se, nas palavras de um rapper, Chuc-D, a *CNN da rua*. Informa, educa, faz rir, às vezes amedronta. Os anos 90 são os anos do Gangster RAP, de Dr. Dree e de Snoop Dog, que dividem o movimento, pregando e praticando a violência.

Embora haja uma grande diversidade dentro do RAP, o que com que mais força entra no Brasil é o RAP engajado, com um discurso militante e que tem o negro como tema principal em suas letras de música e discussões. Aqui podemos citar um ponto que une o RAP dos mais diferentes locais: retratar uma realidade, isto é, o cotidiano das pessoas. É um discurso de protesto que tem como um dos seus propósitos o relato de uma realidade. É a busca de uma cidadania não-respeitada.

No Brasil, este roteiro, vindo dos EUA, adaptou-se com poucas modificações. As desigualdades sociais e raciais que aparecem lá também são encontradas por aqui. São Paulo, principalmente na periferia, é o local onde este estilo musical primeiro cria raízes em solo nacional, para depois espalhar-se por outros centros urbanos.

O RAP se apresenta como um discurso dos problemas vivenciados pela população negra. Além de falar, sugere propostas de mudança de situação, "reescrevendo" a história, mostrando o que está acontecendo, estimulando a auto-estima, enfim. É necessário apontar os problemas, mas tão importante quanto isso é mostrar e sugerir soluções. Em cada música encontra-se uma mensagem, um recado, uma forma de dizer que algo ainda está por mudar.

Nos EUA são os guetos, no Brasil, os bairros pobres, onde se concentra uma população negra significativa. Para os rappers, é necessário falar sobre a violência, miséria, prisões, meninos de rua, assassinatos, desemprego, analfa-



Após o DNA, surgiu o *Realidade Suburbana*, que foi ajudado pelo DNA, que também ajudou o *Comando Público*, e assim por diante. Os dois primeiros existem até hoje, com formação diferente, mas com integrantes fixos, que chegaram até aqui: no DNA, Jean e Fábio; no *Realidade Suburbana*, Pierre e Edson.

Esta ajuda é uma espécie de apadrinhamento. Onde é seguido o primeiro show, é dado um assessoramento com relação às letras de músicas e de como se portar no palco. Enfim, é passado um pouco da filosofia do RAP para os iniciantes, um compromisso que julgam possuir, com uma discussão mais politizada e crítica a respeito da realidade.

Os próprios rappers da cidade fazem questão de imprimir em suas falas uma ênfase nos problemas sociais, o que faz deles grupos respeitados. São estes os que formam o chamado grupo de elite, e são, por coincidência ou não, os que permanecem mais tempo com a formação original (DNA, *Realidade Suburbana*, *Artigo Fatal*). Eram assim definidos por serem os que tinham um

discurso mais direto, explícito, como falam, que mostra a realidade como ela é, sendo a população negra o principal tema desta realidade.

O SURGIMENTO DO RAP EM FLORIANÓPOLIS

Todos os rappers atribuem a Mizinho, integrante e formador do grupo *Sistema Urbano*, o chute inicial para a inserção do RAP em Florianópolis, mais especificamente no bairro Monte Cristo, em 1988. Através de um amigo de São Paulo, Mizinho teve seu primeiro contato com o RAP, com o disco *Cultura de Rua*, que continha, entre outros, Thaíde, um dos precursores do RAP em São Paulo. A partir deste primeiro contato, e mesmo com poucos recursos, Mizinho e mais dois amigos formaram o primeiro grupo de RAP em Florianópolis.

Seguindo o caminho trilhado pelo *Sistema Urbano*, formou-se o DNA.

MOSTRAR A REALIDADE

O RAP é a forma encontrada para mandar o recado, mostrar como está e como deve ficar esta realidade. Principalmente a realidade das periferias e bairros pobres da cidade, como Monte Cristo, Bairro Ipiranga, Jardim Atlântico, Mont Serrat, onde há uma concentração da população negra.

São os negros que ocupam grande parte dos números estatísticos sobre desemprego, mortalidade infantil, analfabetismo, os que moram nos piores lugares, os que mais ocupam as ruas (mendigos, meninos de rua). O Brasil ocupa o 63º lugar em expectativa de vida entre os países

do planeta, mas despencaria se fosse vista apenas uma parcela da população, a de negros e pardos. Problemas vivenciados no dia-a-dia pela população negra são temas correntes na composição das letras do RAP. Cantam e relatam fatos que ocorrem em suas vidas, o que vêm no dia-a-dia, as situações por que passam, dentro de uma suposta marginalidade, a que estão expostos por sua condição social e étnico-racial.

Além deste compromisso em retratar a realidade***, possuem alvos bem claros no direcionamento deste discurso: um dos principais é o povo preto****, tendo-se em vista que uma grande parcela de rappers são negros. Eles não se contentam em mostrar o presente do mundo em que vivem, vão falar da história do negro e seus movimentos de contestação e resistência no contexto racista em que essa história se desenvolve. Vão circular em suas músicas figuras negras nacionais e internacionais, que, de formas diferenciadas, contribuíram e contribuem para mudar a situação em que o negro se encontra, como Zumbi dos Palmares, Benedita da Silva, Nelson Mandela, Malcolm X, Martin Luther King, entre outros.

Em suas letras, falam de uma his-

tória que não é aprendida nos bancos escolares e que muito pouco se encontra nos livros. É um discurso politizado e que tem um compromisso com o povo preto ao falar e dar voz a uma situação vivenciada por eles.

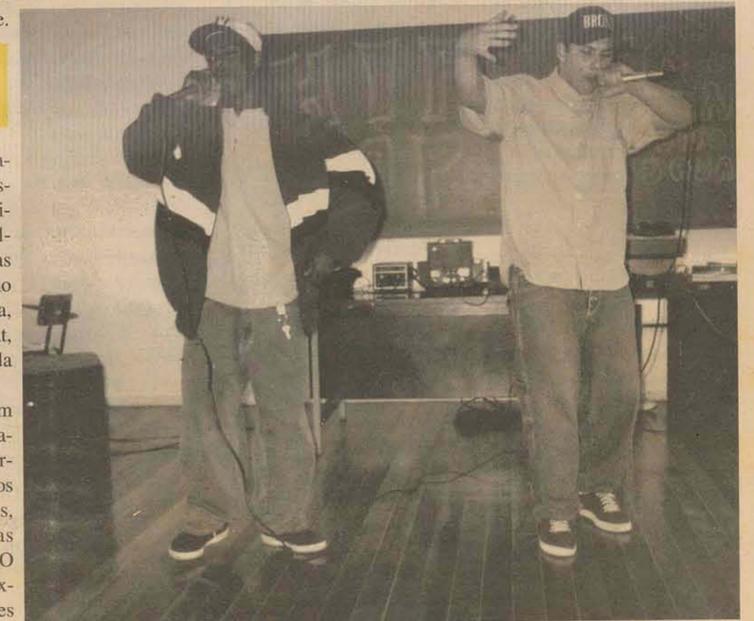
* DJ (Disk Jôquei) – responsável pela execução e forma como as músicas são executadas.

** MC (Mestre de Cerimônias) – acompanha o DJ com um microfone e incentiva o público a dançar.

*** Este compromisso com a realidade não se expressa somente através do discurso falado ou música, mas também no próprio nome de alguns grupos, como *Realidade Suburbana*, *Sistema Urbano*, *Conflito Urbano*, *Revolução Fpolis*, onde deixam margem para pensarmos a relação destas com o meio urbano. São nomes que fazem referência a este mundo em que vivem e o contexto em que o rap surge. Outros, como *Sistema Carcerário*, *Artigo Fatal*, *Comando CB4*, *Paredão da Morte Beco 38*, *DNA (Direto no Alvo)*, também fazem referência a um mundo marginal de enfrentamento com a polícia, gangues, códigos penais, prisões, locais com uma conotação violenta. Ainda temos os que fazem referência ao negro e ao próprio RAP: *Nativos RAP*, *Original RAP*, *Força de Expressão*.

**** Povo Preto é comumente utilizado entre os rappers para designar o que estou chamando de negros.

Fotos: Rappers de Florianópolis



Pesquisadores negros têm Congresso em PE

De 22 a 25 de novembro deste ano acontece em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. A intenção é realizar um balanço acadêmico indicativo tanto da produção dos pesquisadores negros quanto da evolução dos temas de interesse das populações negras. O tema será O Negro e a Produção do Conhecimento: dos 500 Anos ao Século 21.

Podem participar interessados das áreas de Educação, Saúde, Ciências Biológicas, Sociologia, Antropologia, História, Direito, Filosofia, Geografia, Artes e Comunicação. O público será constituído por pesquisadores em geral, vinculados ou não a instituições universitárias. Os demais participantes poderão participar através de inscrições em cursos ou no próprio evento. As conferências noturnas serão abert

tas ao público, dependendo apenas da capacidade dos auditórios.

Programação

1º dia (quarta-feira)

22/11/2000

8h - 12h Recepção

14h - 18h Inscrições, credenciamento, entrega de material

19h - Abertura do Congresso

20h - Conferência de Abertura

21h - Coquetel de abertura

2º dia (quinta-feira)

23/11/2000

8h30 - 10h30 - Mini-Cursos

9h30 - 10h30 - Mostra de Vídeo

10h30 - 12h30 - Apresentação

de trabalhos em seções

coordenadas nas áreas de

interesse

13h30 - 14h30 - Reunião de

grupos de interesse

14h30 - 17h30 - Sessão de

Mesas Redondas

Mesa A - Educação: Requisito

de Inclusão e Participação

Social

Mesa B - As Religiões Afro-

brasileiras como tema de investigação

Mesa C - Gênero e Etnia: uma questão inseparável

19h - Conferência: O Africano,

os Afrodescendentes e a

Produção do Conhecimento: o

que se faz atualmente na África,

no Caribe e nas Américas.

20h30 - Programação Cultural

3º dia (sexta-feira)

24/11/2000

8h30 - 10h30 - Mini-Cursos

9h30 - 10h30 - Mostra de Vídeo

10h30 - 12h30 - Apresentação

de trabalhos em seções

coordenadas nas áreas de interesse

13h30 - 14h30 - Reunião de

grupos de interesse

14h30 - 17h30 - Sessão de

Mesas Redondas

Mesa A - Saúde: A Pesquisa e

o Diferencial Étnico

Mesa B - Pesquisar a Identidade

Negra no Mundo Globalizado

Mesa C - O Mundo segundo a

nossa Ótica: as artes plásticas,

o cinema, a música e a literatura

19h Conferência

20h30 - Programação Cultural

4º dia (sábado)

25/11/2000

9h - 12h - Sessão de Mesas

Redondas

Mesa A - Direito, Desenvolvi-

mento e Cidadania para o Negro

no Brasil

Mesa B - A Pesquisa Social e o

Pesquisador Negro: identidade

e prática científica

13h - 14h - Reunião grupos de

interesse

14h - 15h30 - Reunião Delibera-

tiva e de Avaliação

15h30 - 16h30 - Painel Homena-

gem

17h - Conferência de Encerra-

mento

Relação de mini-cursos

1. História Africana para Educadores - Prof. Henrique Cunha Jr.
2. Currículo, sala de aula e negro na Educação - Profª Ana

Beatriz Gomes

3. Parâmetros Curriculares e

Cultura Negra - Profª Rosa

Barros

4. Droga e Juventude Negra -

Profª Maria Farias

5. Perseguição as Religiões

Africanas na década de 30 em

Pernambuco - Profª Marta Rosa

6. Saúde Negra: anemia falciforme,

políticas públicas e iniciati-

vas sociais

Organização

Coletivo de Pesquisadores

Negros

Endereço para correspondência

Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros/Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira/Museu da Abolição Rua Benfica, 1.150 Madalena, Recife - PE

CEP 50720-001 Fone/Fax:

(0XX81) 228-3011

E-mail: copene@bol.com.br



TOQUES AFROS

Cartilha

O professor, pesquisador e músico Jaime Sodré lançou neste meio de ano a cartilha pedagógica *As Histórias de Lokoïrokotempo - candomblé*. É um trabalho que aborda os aspectos esotéricos da religião, sendo possível saber o nome dos deuses, conforme a nação (queto, gege, angola), hierarquia e estrutura de um terreiro. Segundo o autor, é uma publicação ilustrada que segue a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), para discutir com o público infante-juvenil, sem catequese, mas com informação. Jaime Sodré pretende levar o texto ao teatro através de uma peça. Os interessados podem fazer contato com alivriaria do Centro de Estudos Afro-Orientas (Ceao), da Universidade Federal da Bahia (Tel.: (71) 322-6742; e-mail: ceao@ufba.br)

Reflexos raciais

Também circula em Salvador o livro *Educação, racismo e anti-racismo*, coletânea de vários autores, a mais recente publicação do Programa A Cor da Bahia, do curso de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. O volume, de 219 páginas, expõe as várias faces do racismo presentes na educação e explica como isso interfere na formação escolar da criança e do adulto negros. Entre os autores, as pedagogas baianas Delcele Mascarenhas e Ana Célia Silva. Com apoio da Fundação Ford, o livro integra a série Novos Toques, que edita trabalhos de jovens pesquisadores da área de Ciências Humanas. (Ver Lançamentos, na página 2)

Honoris Causa

O senador, professor, escritor e artista plástico Abdias do Nascimento recebeu no dia 7 de julho o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Bahia, por sua luta pelo resgate da identidade cultural e da cidadania da comunidade afro-descendente. Aos 86 anos, é o segundo que ele recebe (o outro foi pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1991). Abdias é o quarto negro agraciado pela UFBA com o título de Doutor *Honoris Causa*. Os outros foram o poeta e presidente do Senegal, Leopold Senghor, o escultor e escritor Mestre Didi, o compositor Dorival Caymmi e o capoeirista Mestre Bimba (post-mortem). É autor de *O Genocídio do Negro Brasileiro* (Ed. Paz e Terra) e *O Quilombismo* (Ed. Vozes).

Museu reaberto

O Ilê Ohun Lailai (casa das coisas antigas), o primeiro museu do candomblé do País, em Salvador, foi reaberto no mês de junho. Abrigando um acervo de roupas, adereços, fotografias e objetos religiosos, num total de 400 peças, o local é uma parte da história do Ilê AxéOpô Afonjá (nação queto), fundado em 1910, tombado no passado como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Criado em 1982, o museu é um remanescente da história do candomblé no mundo. Contato: (71) 384-5229.

Educação e racismo

Criado em outubro de 1999, o Coletivo de Educadores Afro-descendentes vem

realizando em Salvador uma série de debates sobre a temática étnico-racial na educação. Dia 15 de junho, realizou um amplo seminário sobre Educação e Racismo na Escola, no colégio Central, centro da cidade. Contato: (71) 203-6717/304-7377/321-4613.

Livro didático

Com a presença de professores, pedagogos, estudantes e membros da comunidade negra, aconteceu no Teatro Vila Velha, dia 18 de setembro, em Salvador, o Encontro sobre a Imagem do Negro na Educação. A iniciativa do Grupo de Teatro Olodum traz à discussão a inserção do negro no livro didático e sua presença na escola.

MATRIZES AFRICANAS: RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Elzeni Fernandes Camargo*

Quando falamos de Religiões Afro-Brasileiras, estamos nos referindo a um conjunto de expressões religiosas praticadas em todo o Brasil por pessoas de todas as etnias (e não apenas por etnias negras) e que são originárias das matrizes africanas, traficadas para o Brasil. Este conjunto de expressões religiosas é originário do berço africano e veio para o Brasil através das diversas etnias africanas (povos africanos – vários grupos humanos com fenótipos, modelos sociais, econômicos, culturais, religiosos e lingüísticos diversificados), violentamente arrancadas de sua terra natal pelos colonizadores europeus, em uma ótica distorcida e questionável praticada dentro do sistema mercantilista e capitalista comercial em fins do século XV.

Para que haja um conhecimento – mesmo que superficial – das várias expressões religiosas afro-brasileiras, sentimos a necessidade de trazer um pouco da história, cultura e trajetória das etnias negras africanas em solo brasileiro. Com isso, queremos possibilitar o acesso e a chave da compreensão do mundo religioso afro-brasileiro, as formas como se apresenta ou é praticado pelos milhares de fiéis, adeptos e simpatizantes em todo Brasil.

Seria imprudente e até leviano tratar ou falar das religiões afro-brasileiras, como se fossem uma única expressão ou forma de religião e religio-



sidade. Não podemos nos esquecer que os povos africanos traficados para o Brasil eram oriundos de várias etnias. Para facilitar nossa compreensão histórica, podemos subdividi-los em três grandes grupos culturais: grupo dos sudaneses – Yoruba, chamado nagô; Dahomey – designados como jeje; e os Fanti-Ashanti, conhecidos como minas, além de muitos representantes de grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim; os chamados africanos islamizados – os Peuhl, os Mandinga e os Haussa, também identificados como negros malé ou alufá; e o grupo dos Bantos – Bantos de Angola e Congo e os Bantos da Contracosta – Moçambique. Na verdade, o contexto em que o negro africano foi inserido e viveu no Brasil, a convivência forçada entre as diversas etnias negras africanas e outras etnias não-negras, promoveu um caldeamento cultural e racial tão intenso que como consequência fica difícil distinguir com precisão a religião que cada etnia africana trouxe de sua origem e de que forma esta se amalgamou para se

“A memória é uma forma de protesto. Se você não lembra de algo importante Está automaticamente aceitando, quem Sabe, uma atrocidade.”

Elie Wiessel
Prêmio Nobel da Paz

tornar o que hoje conhecemos como religiões afro-brasileiras.

A concepção de religião do povo africano era diferente dos conceitos ocidentais europeus. Para o povo africano, a religião era a essên-



cia de tudo, do seu mundo, sua razão e o porquê da existência. A vida material e religiosa tinha um entrelaçamento perfeito, sem divisões, hiatos ou lacunas. No Brasil, devido ao contexto sócio-cultural-econômico em que o povo africano foi inserido, várias reelaborações e adaptações se fizeram necessárias para manter, preservar, repassar, alimentar e realimentar seu universo religioso. E são estas releituras que caracterizam as religiões afro-brasileiras. Por exemplo: na África, cada família, cidade e ou aldeia cultuava um único orixá e era uma unidade autônoma; no Brasil, cada centro, roça, bar-

ração ou terreiro também é uma unidade autônoma e tece seu grau de parentesco não mais por laços sanguíneos mas sim por parentesco de “Família de Santo”. Em vez de se ter o culto a um único orixá, temos o culto a vários orixás, santos ou entidades, no mesmo espaço.

Entre o Candomblé e a Umbanda existem diferenças inconfundíveis. Também dentro dos cultos de Umbanda e Candomblé, existem variações na forma e na elaboração do ritual. Em algumas regiões brasileiras existem outras formas de religiões afro, além do Candomblé e da Umbanda. No Rio Grande do Sul, predomina o Batuque; no Norte, predomina a influência dos elementos indígenas, cha-



mada de Pajelança (Pará e Amazonas), Encantamento (Piauí) ou Catimbó. Não existe uma comunidade religiosa em si. Esta expressão religio-



sa está baseada em dois pontos: a Jurema e o Mundo dos Encantados. Jurema é a planta e suas raízes são utilizadas na invocação dos espíritos. No Nordeste, no Estado do Maranhão, tem a Casa de Minas. O núcleo desta religião é formado pelas tradições religiosas yoruba e dahomeana. Em Alagoas e Sergipe, a religião Afro-Brasileira chama-se Xangô, que na verdade com pouca variação, é o que se conhece por Candomblé em Pernambuco e na Bahia.

* Elzeni Fernandes Camargo é Mestranda em Educação e Cultura – membro da UNIAFRO União de Cultura Negra de Santa Catarina
Membro do CONER/SC
Representante das Expressões Religiosas Afro-Brasileiras
e-mail: elzenifc@zaz.com.br



As cantigas de capoeira também educam

É nas cantigas que ficam registrados os místicos “universos” dos capoeiristas, suas histórias e cultura. Cada cantiga tem um significado. Quem joga, obedece ao seu chamado, que na verdade é o chamado do mestre ou daquele que comanda o ritual da roda. Durante o jogo e a cantiga, também se usa muito o improviso. Através das cantigas são repassados os fundamentos, a malícia, a experiência dos velhos mestres.

Segundo Nestor (1995), “os cantos são apenas a compreensão dos ritmos criados pelo berimbau, (neles) estão contidos uma série de ensinamentos, um código de conduta e as premissas básicas de um código filosófico”. As cantigas de capoeira aparecem na roda como um grito, um chamamento, um clamor, que denota toda a realidade presente, assim como as tradições do passado e também as perspectivas de futuro.

Basicamente, existem cinco estilos de cantigas de capoeira: as ladainhas, a louvação, as quadras, os corridos e as chulas. As ladainhas são músicas cantadas somente no início da roda e têm um enredo; a louvação é sempre cantada após a ladainha e tem como objetivo louvar a capoeira, os mestres, Deus e outros; as quadras são cantigas formadas de estrofes, com o coro respondendo ao refrão; os corridos são frases cantadas, sendo que o coro responde logo em seguida; e as chulas se parecem com as ladainhas, mas sem louvação.

Vieira (1990) identifica três funções básicas nos cânticos de capoeira: (a) uma função ritual, que fornece à roda o ritmo e animação; (b) uma função mantenedora das tradições, que reavive a memória da comunidade

capoeirística acerca dos acontecimentos importantes em sua história; e (c) uma função ética, que promove um constante repensar dessa mesma história e dos princípios éticos nas rodas de capoeira.

Rego (1968) acha difícil estabelecer um marco divisor entre cânticos antigos e os atuais. Para ele, muitas quadras antiquíssimas são constantemente resgatadas para a atualidade. Além disso, também acha difícil distinguir os cânticos da capoeira propriamente dita de cânticos de outra proveniência.

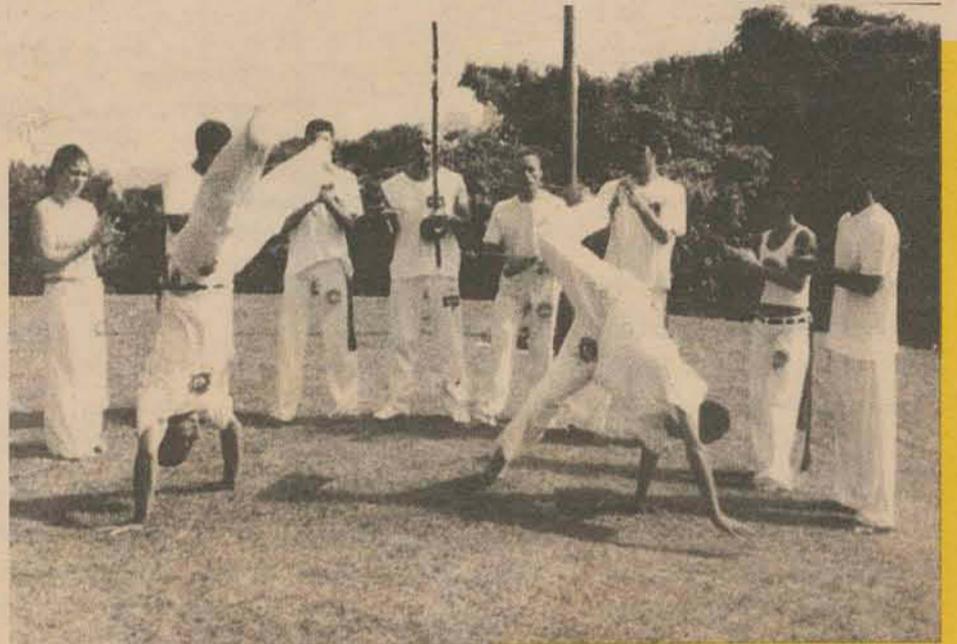
A seguir, algumas cantigas significativas que abordam a importância da tradição oral dos velhos mestres: “a boca do velho cheira mal, mas ela profere coisas boas e salutares”.

Ladainha

Coloca em questão propostas mascaradas da Lei Áurea, que aboliu a escravidão em 1888:

*“A história nos engana
Diz tudo ao contrário
Até diz que a abolição
Aconteceu no mês e maio
A prova desta mentira
É que da miséria eu saio
Viva 20 de novembro
Momento para se lembrar
Não vejo em 13 de maio
Nada para comemorar
Muitos tempos se passaram
E o negro sempre a lutar
Zumbi é nosso herói
De Palmares foi senhor
Peça causa do homem negro
Foi ele que mais lutou
E apesar de toda luta
O negro não se libertou, câmara...”*

(Mestre Moraes)



Chula

Cantada durante o jogo da capoeira, demonstra o lado mandingueiro do jogador. O próprio jogo e os ritmos do berimbau reforçam a comunicação entre esta parte dominante e desconhecida com nossa parte consciente.

*“Mandingueiro
Agora sou mandingueiro!
Olho grande não me pega,
Nem inveja me derruba
Nem feitiço me atinge!
Eu sonhei
Que uma cabocla me dizia
Que eu tenho na minha vida
É inveja de olho grande
De um grande amigo meu
Se banha com guiné-pipiu,
Junto com arruda-fêmea,
Procura abre-caminho
Com espada-de-são-jorge,
Três punhados de sal grosso
E contigo-ninguém-pode
Se banha segunda, quarta e sexta
Uma vela acenderás
Pro amigo e pro inimigo
Olho grande não me atinge
Que eu sei rezar quebrante
É por isso que eu digo
Que agora sou mandingueiro...”*

(Mestre Leopoldina)

Alguns cantos exprimem a “filosofia” da capoeira. Outros procuram conceituar a capoeira. Segundo Mestre Pastinha, “capoeira é tudo que a boca come”. Como não poderia deixar de ser, já que a capoeira é parte do vasto conjunto cultural afro-brasileiro, muitos cantos se referem aos orixás do candomblé.

Procurei demonstrar, através de algumas cantigas, a sabedoria e cultura dos velhos mestres, este saber que não se aprende nos bancos escolares.

Segundo mestre Nô (1997), todos os fundamentos estão direcionados para uma roda bem maior do que a roda de capoeira: a roda chamada vida. Que é o nosso dia-a-dia, onde ninguém é de ninguém, onde cada um é de si mesmo. O que colocamos na roda, colocamos em prática na vida.

Por Valmir Ari Brito